

VII — JANELA PARA A VIDA

O dia amanhecera úmido e chuvoso. Por volta das 15 h uma caravana de pessoas, em carros e ônibus, se formara à frente do “Grupo Espírita da Prece”, aguardando o início da peregrinação evangélica de sábados à tarde ao “bairro dos Pássaros”.

Pouco antes da chegada do médium Xavier a chuva se adensara formando poças d’água ao longo da estrada de chão batido.

À chegada, uma pequena multidão se agrupou ao abrigo de algumas árvores existentes numa clareira próxima à estrada.

Abriram-se diversos guarda-chuvas e o médium Xavier deu início à leitura de um trecho do Cap. XIII do Evangelho Segundo o Espiritismo: “Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita”. Quatro ou cinco pessoas do grupo foram convidadas por Chico a comentarem o trecho em 3 ou 4 min cada uma, findos os quais deu-se início à distribuição de gêneros a centenas de criaturas de todas as idades, ali postadas em filas.

Chico Xavier estava quase afônico. Emagrecido e caminhando com dificuldade, sua palidez indicava que, no campo da saúde, não obtivera melhoras consideráveis, de forma que todos nós, os presentes, nos preocupávamos ao vê-lo exposto à intempérie, os sapatos embarrados, a roupa molhada.

Já próximo dos setenta anos de existência física num organismo desgastado e mantido com vida (diria eu que semi-artificial) pela Misericórdia Divina tendo em vista a inadiabilidade da difusão da Doutrina Consoladora entre os homens, a marcante lição daquela tarde inesquecível que ele apresentou para todos quantos participaram da caravana evangélica foi preponderantemente esta: para fazer o bem toda hora é hora, todo tempo é tempo, todo obstáculo

deverá ser removido, a doença momentaneamente cede passo à saúde espiritual, a inquietude caminha rumo à paz, a dúvida rumo à certeza, a treva rumo à luz.

Quantas e quantas vezes nos queixamos por ninharias... Quantas vezes abandonamos pequenas tarefas do bem que poderiam valorizar nosso dia-a-dia, tarefas que se transformariam em moedas de luz que desonerariam nosso Espírito sempre tão endividado perante a Contabilidade Divina. "Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração a achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo." (S. Mateus, Cap. XI, v. 28 a 30.)

Mediunidade com Jesus

P — Você diria que a mediunidade é uma janela voltada para o Céu?

R — "Se me fosse possível definir a mediunidade, de minha parte eu diria que ela se parece com uma janela voltada para a vida".

A resposta não nos surpreendera totalmente. Outra não poderia ser a linguagem, o posicionamento da Espiritualidade Superior encarregada de difundir a Doutrina Consoladora sobre a Terra, frente à mediunidade cristã.

Na comunicabilidade com os chamados mortos deparamo-nos com a profunda consolação de constatarmos com certeza a continuidade da vida extrafísicamente transformada, a certeza da eternidade para o espírito submetido às necessidades da matéria densa.

E o que é a mediunidade com Jesus senão a própria essência da consolação para milhares de criaturas ávidas de bálsamo e conhecimento? Não morremos, eis a Verdade. No Mais Além conservamos todos os atributos de caráter, de coração, todos os afetos e afinidades espirituais perante aqueles que amamos nas romagens terrestres ao longo dos milênios.

Vamos ilustrar a afirmativa com exemplos. Na sessão mediúnica de 17/11/1978, no "Grupo Espírita da Prece", o

médium Xavier, como vem fazendo há mais de meio século, psicografou a seguinte e significativa mensagem consoladora endereçada ao Gen. Ilcon da Cunha Cavalcanti, presente à reunião, por sua esposa Marina Lúcia Pedroza, falecida em 1976.

"Ilcon, meu filho, Deus nos abençoe.

Creio não precisar dizer que prosseguimos juntos. Não é fácil estampar o coração de companheira no papel em que o próprio coração me induz a escrever com lágrimas de alegria. Há muito tempo venho conservando o propósito de trazer ao seu carinho a resposta do meu amor que ambos cultivamos no mundo com a presença de Deus. Peço a você que não chore tanto em nossas conversações do silêncio.

Quanto posso, volto à nossa moradia para ouvir seus sentimentos que são igualmente os meus. Escuto quando me diz a sua ternura fitando nossas relíquias, como se eu não estivesse presente, e volto a experimentar o anseio de aliviar a sua cabeça fatigada de pensar. Querido meu, a morte é uma cortina de sombra que simplesmente oculta uma luz maior do que esta, a que nossos olhos se habituam na Terra.

Quanto puder, conserve a nossa alegria no coração. Há tanto a fazer pelos outros que é necessário esquecer-nos para que a saudade não se faça um agente negativo em nossas vidas entrelaçadas. Filho meu, você sabe que a sua esposa se reconhece, agora muito mais que antigamente, por sua tutora ou mãezinha espiritual. Quando a tristeza surgir, lembre-me ao seu lado. E creia que estarei na mesma posição dos dias que se foram para voltar a nós dois em espírito. Dê-me a sua cabeça para o repouso. Saberei contar a você, de novo, as minhas histórias da infância, as brincadeiras da Diana, a severidade da mamãe Dalila, as descrições das dificuldades que o tempo desfez e acabarei cantando para você dormir nossas cantigas de ninar:

"Boi da cara preta
Pega esse menino
Que tem medo de careta."

"Sapo gururu
Da beira do rio
Vem buscar este menino
Que não quer dormir"

Vê que a sua Marina, de modo algum, perderia a memória. Os vinte e um anos de felicidade não desapareceram. Sinta-me em sua companhia sempre. Deus não nos criou para separar-nos um do outro. Pensa que aquela dor súbita no peito, à despedida, teria sido o fim? Não é isto. Aquilo foi um começo brilhante de um amor diferente e maior que desafia o tempo para crescer cada vez mais.

Quanto estiver ao seu alcance continue ajudando-me através do auxílio aos outros. Ambos sabíamos que as crianças menos felizes eram todas elas nossos filhos, compreendíamos que os nossos irmãos se estendiam por toda parte, especialmente onde o sofrimento estivesse marcando as situações. Amor, meu, não creia em velhice e doença. As formas terrestres são unicamente roupas que usamos e que se desgastam com as horas. O sentimento é a vida e a vida é a nossa própria alma imortal. Desejo que a alegria nos retome por dentro para que você consiga sorrir de novo, abençoando as experiências felizes em que Jesus nos permitiu viver.

Quero contar a seu carinho que me encontro acompanhada por meu pai Adalgizo que me trouxe aqui para que eu escreva esta carta. A princípio fui muito auxiliada no afastamento de minhas dores remanescentes do corpo físico por um médico que me declarou ser seu amigo e companheiro também nas Forças Armadas. O nome dele é Dr. Ismael da Rocha e creio que deixou a estalagem do mundo com a respeitabilidade de um general. Foi um médico e benfeitor a quem passei a dever muito e a quem peço auxílio em seu favor; também o nosso amigo, o Pe. Severino, antigo sacerdote de Nova Cruz, me prestou muito amparo. Transmito-lhe essas notícias com aquele mesmo contentamento com que lhe confiava minhas pequenas impressões do cotidiano enquanto perdurou o nosso

inesquecível convívio na existência física. Perdoe-me se me dirijo ao seu querido coração com aquela afeição de criança-mulher que Deus me concedeu para lhe dar. A verdade, meu filho, é que não conseguiria escrever a você de outro modo. Rogo colocar a sua coragem e a sua esperança em circulação no desdobrar de nossos caminhos. Tudo vai seguindo bem, porquanto a nossa fé em Deus possui a beleza cristalina das primeiras horas de nosso encontro. Não se julgue cansado ou no término da estrada que o Senhor nos permitiu percorrer.

Caminhamos procurando servir e as estações de pausa ou renovação pertencem a Deus. Desejo que o seu devotamento me sinta na efusão com que endereço estas palavras ao seu amor que continua sendo a vida de minha vida. A mãezinha Dalila igualmente veio conosco e agradece-lhe por todas as demonstrações de abnegação em nosso benefício. Querido Lelego, aqui fica toda a minha saudade na forma de uma flor que entrego a você orvalhada de beijos, dos beijos de orvalhada ternura com que aprendi a reverenciar a sua presença. Perdoe se não posso escrever mais.

A emoção é uma força que nos faz inaptos para o equilíbrio necessário quando se quer dizer tudo e quando as contingências nos obrigam a dosar as frases na pauta das considerações humanas. Filho de meu coração e esposo inesquecível, receba todo o carinho com a alma de sua companheira, sempre mais sua companheira e mãe pelo coração". **Marina Lúcia Pedroza.**

(Na carta que nos endereçou em 29/3/1979, autorizando-nos a incluir esta mensagem na presente obra, o Sr. Ilcon Cavalcanti acrescenta o seguinte: "É uma imensa felicidade para mim ter conhecido o médium Chico Xavier, através do qual recebi a carta-mensagem da minha insubstituível Lúcia. Atendendo com prazer vossa solicitação, dou a seguir as referências das pessoas citadas na mensagem:

MARINA LÚCIA PEDROZA — Esposa (Espírito comunicante).

DALILA — Mãe de Lúcia.

ADALGIZO — Pai de Lúcia.

DIANA — Irmã de Lúcia, residente no Rio de Janeiro.

Pe. SEVERINO — Pároco no Rio Grande do Norte, sepultado em Cruz das Almas.

DR. ISMAEL ROCHA — Médico-general, companheiro de farda em Uruguaiana.)

Destacamos também a mensagem recebida pelo Sr. Aurélio Olegário de Campos, da cidade de Cáceres, Mato Grosso do Norte, enviada por seu filho José Wilson de Campos, desencarnado em 17 de janeiro de 1976, aos 39 anos. A reconfortante mensagem foi psicografada por Chico Xavier na sessão mediúnica de 13 de janeiro de 1979, no "Grupo Espírita da Prece", estando presente o Sr. Aurélio, com o seguinte teor:

"Querido pai, rogo a sua bênção e peço a Deus que nos proteja.

São passados três anos sobre aquele sábado de provação.

Os dias e as noites somaram experiência e, por dentro de nossos corações, o amor é sempre o mesmo.

Creia o senhor que penso neste momento de escrevê-lo, desde muito tempo.

Realizei exercícios.

Procurei reeducar minhas próprias emoções, no entanto o que sinto é indescritível.

Meus pensamentos se conjugam num tecido de alegria e sofrimento, como se minhas lembranças mais vivas nesta hora formassem uma noite no íntimo de meu ser, toda ela riscada pelas luzes da esperança.

E não falta o orvalho benéfico na paisagem de minhas cogitações interiores, pois que as lágrimas de gratidão a Deus como que me encharcam as idéias de renovação e entendimento.

Estou quase feliz, querido pai, e esse quase é aquele intervalo entre as duas vidas — a existência na Terra e a existência na Espiritualidade — que não nos permite um intercâmbio mais intenso, como seria de desejar.

Imagine que estamos regularmente juntos em Cáceres e precisou sua paternal dedicação de varar quase mil e quinhentos quilômetros para que ambos nos comunicássemos, através desta carta.

Ainda assim, venho aprendendo, como sempre, com a sua cartilha de exemplos e com o carinho da Mamãe, cujas preces me auxiliam a basear a vida nova.

Não preciso falar-lhes de perdão, porque esse assunto já foi suficientemente iluminado por suas atitudes, nas primeiras horas de meu desligamento do corpo.

Estou encontrando com alguma dificuldade as palavras que me componham a imagem real para a situação que, graças a Deus, já superamos.

Em nossas atividades de cartório, entretanto, ser-me-á fácil descobrir o que desejo expressar.

Lembro-me dos processos de despejo, por vezes estudados por mim próprio e prefiro dizer que fui violentamente despejado da casa física sem qualquer razão aparente para isso.

Uma conversação que julguei simples para um ajuste amistoso e dois projéteis me alcançaram com a violência de um raio.

Era de tarde.

Pensava em alguma distração no domingo, embora refletindo na saúde de nossa querida Saé; a nossa querida Fussaé, e, intimamente, antes do encontro pensava na melhor maneira de avistar-me com os nossos amigos Luiz Fernando e Eduardo Benavides, quando me dirigi para o escritório onde a surpresa me aguardava...

O resto não preciso recontar.

Lembro-me, porém, de que ao cair, desarmado qual me achava, entrei de repente num sono difícil de explicar.

O sono parecia vir de uma força desconhecida, como se alguém me aplicasse pesada carga de sedativos.

Sonhei — este é o termo pelo qual posso designar o que se passou comigo — sonhei que seguia para nossa casa e que não me achava distante da residência do Dr. Jaques Souto e pensei de mim para comigo em pedir-lhe tutela para a minha causa, pois, apesar da atmosfera anuviada de

sonho em que me via, estava consciente de que fora agredido...

Meus pensamentos vagueavam descontrolados, quando acordei de improviso...

Achava-me ao seu lado, na casa de tratamento para onde me haviam conduzido o corpo e ESCUTEI os seus pensamentos em prece, rogando a Deus me fortalecesse e perdoasse aquele companheiro que se fizera instrumento de nossas atribulações.

Compreendi com a força de sua fé que fora retirado da presença da vida física, de vez que, embora, algo entontecido, reconheci que ninguém no recinto dava conta de minha presença.

Recordei, de imediato, as suas conversações e os seus ensinamentos.

A lembrança de Mamãe e da Esposa passou a me doer no coração.

Só então registrei o sofrimento do corpo que ainda se ligava comigo por fios de vida que não sei classificar.

Aquele anseio de retomar-me na forma inerte me compelia a experimentar um largo complexo de inquietações...

Detive-me, no entanto, na prece e copiando os seus gestos de pai, também eu roguei a Jesus me fortificasse e desculpasse o amigo que se deixara levar pela impulsividade negativa, quando entre nós só existiam amizade e confiança em comum.

Foi então que realmente dormi. Dormi pesadamente, por tempo que não sei enumerar e despertei atordoado ainda no regaço de alguém que me lembrava a Mamãe em meus tempos de menino. Eram aquelas mãos, a me acariciarem como se voltasse a ser novamente criança...

Chorei num misto de reconforto e de aflição, mas aquela voz boa e mansa me aconselhou a lembrar que Jesus igualmente fora sacrificado fora do ambiente doméstico — se Ele realmente possuía algum.

Pedia-me rezar, acalmar-me.

Só aí num transporte de alegria repleta de pranto, reconheci que a santa enfermeira que me amparava era a minha avó Benedita Freire.

Em breves momentos o tio Olegário se me fez visível e, desde aí, começou a minha recuperação.

Papai, obrigado ao senhor e à Mãezinha, tanto quanto à querida Esposa, à Marília e ao Antônio Carlos por não resolverem o caso em processos de condenação que somente serviriam para me afligir.

Quem de nós, meu pai, estará livre de ferir o próximo? Quem somos nós para condenar alguém que nasceu como nós, das mãos de Deus?

A oração tem sido o nosso ponto de encontro e na oração pediremos sempre a Deus que conduza o nosso irmão e nosso amigo para a bênção da paz.

Estou certo de que resgatei dívidas de existências passadas que ainda não estou em condições de rever. Sinto-me renovado em suas aspirações de bondade e compreensão.

Nossa querida Wilsineli é para nós o futuro...

Trabalharemos.

Agradeço à Mãezinha todas as orações com que me aliviou e me auxilia sempre.

Nossa querida Fussaé ficou em meu lugar e temos todos tantos ideais para diante, que não há tempo a desperdiçar com relatórios e lembranças incompatíveis agora com o nosso modo de ser.

A saudade é irreversível.

Aí e aqui mesmo, essa é uma enfermidade que só a Divina Providência consegue amenizar. Mas as nossas saudades inspiram serviço em Jesus.

Tenho estado consigo em seus novos planos para a edificação de um lar para os nossos irmãos perturbados e infelizes.

Estou contente, buscando identificar-me com o empreendimento.

Jesus nos proverá de energias capazes de materializar o projeto que nos ligará por laços de luz à terra bendita de Cáceres.

Meu pai, agradeço-lhe por tudo.

Nossa integração mútua no trabalho está prosseguindo...

Confiemos em Deus.

Agradeço ao vosso valoroso Túlio que se mostrou firme para a viagem.

A todos os nossos, as minhas lembranças de irmão e amigo.

O tio Olegário está comigo e abraça-o declarando que nos será sempre o companheiro de cada dia.

Papai, diga, por favor, à Mamãe, que a nossa fé por aqui está unificada.

Somos de Cristo e Cristo nos guiará a todos para Deus.

Se eu pudesse continuaria escrevendo pela noite a dentro, mas estamos condicionados aos recursos de tempo dos amigos que nos acolhem.

Para a Mãezinha e para a Esposa, anjos de guarda de meu caminho, os meus mais íntimos pensamentos de amor e gratidão, com um beijo à filhinha.

Aos amigos, o fraterno abraço de sempre.

Aos irmãos com a familinha, todo o meu afeto.

E para o senhor, querido pai, a luz do nosso lema que se foi sempre UNIR PARA CONSTRUIR agora será também construir para unir, porque edificando o bem conforme o que aprendi de sua própria vida é que encontraremos todos o caminho de luz para a união com Deus.

Receba, querido papai, as muitas saudades e as muitas esperanças no abraço de coração para coração do seu filho e companheiro de sempre.

Sempre seu filho reconhecido de todos os momentos.

José Wilson de Campos.

Referências:

JOSÉ WILSON DE CAMPOS: nascido aos 8 de setembro de 1936, desencarnado aos 17 de janeiro de 1976, filho de Aurélio Olegário de Campos e Maria Freire de Campos.

FUSSAÊ: esposa do comunicante, chamada na intimidade por Saé.

LUIZ FERNANDO: Amigo do comunicante.

EDUARDO BENEVIDES: Amigo do comunicante.

Dr. JAQUES SOUTO: Advogado, amigo do comunicante.

BENEDITA FREIRE: Avó materna, desencarnada aos 8 de julho de 1950.

OLEGÁRIO: Tio do comunicante, desencarnado aos 28 de outubro de 1929.

MARÍLIA: Irmã do comunicante.

ANTÔNIO CARLOS: Cunhado do comunicante.

WILSINELI: filha do comunicante.

Túlio: Sobrinho do comunicante.

(Em 29/3/1979 o Sr. Aurélio Olegário de Campos nos endereçava correspondência, autorizando-nos a incluir na presente obra a confortadora mensagem de seu filho, acrescentando: "A perda de meu filho José Wilson me fez entender que o sofrimento é o caminho que nos conduz a Deus e a mensagem que recebemos tem sido um bálsamo contínuo para os nossos corações".)

Vibrações

Tínhamos a intenção de indagar ao médium Xavier quais os reais motivos do policiamento que nos últimos tempos vínhamos observando na organização das tarefas de sextas-feiras e sábados.

Inobstante, nunca chegamos a formular tal pergunta. Em carta de 26/1/1979 escreve-nos o seguinte: "prosseguimos no esquema de organização mantido sob a proteção da Polícia Militar. Muita gente estranha isso, mas que fazer? Depois de mais de cinquenta anos de contato com o público, os médicos amigos expressaram o desejo de ver-me fora das reuniões públicas, atendendo-se ao meu problema coronariano sempre suscetível de agravar-se com qualquer aumento de carga emotiva, com o que não pude concordar. Nossos cardiologistas aconselharam, então, que as nossas atividades públicas se processem sob o amparo policial, porquanto, desde muito, não disponho de voz para con-

versação alta. Acontece que o nosso grupo recebe a média de 60 a 80 por cento de amigos sem nenhum conhecimento espírita e, em meio a estes, encontram-se irmãos drogados ou obsedados, carinhosamente trazidos ao nosso modesto recanto de orações, com os quais não tenho, por enquanto, as forças precisas para dialogar com segurança, quando se mostram agressivos ou desditosos.

Em vista disso, a cobertura policial, para mim especialmente é uma bênção, que não posso estranhar e sim agradecer”.

Faláramos a Chico Xavier acerca das prováveis influências de sua enfermidade no desempenho mediúnico de 1976 para diante.

Chico respondeu que apenas se vê com percepções alongadas, isto é, com uma sensibilidade mais aguda para registrar as vibrações que por sobre ele se projetam.

— E com relação à saúde nestes últimos tempos?

— “Posso sintetizar meu problema com esta definição: estou muito bem porque, se tenho algumas dores, estou desfrutando do privilégio do trabalho regular. Recebi grande aumento de disciplinas e Deus me concedeu a felicidade de muito auxílio”.

Mais adiante, dizia-nos (22/2/1979): “Gostei da tua observação sobre o fato de viver e sobreviver com os problemas orgânicos que atualmente carrego. É verdade, querido amigo. Mas podes crer que isto é obrigação minha. Já sei que, em me desencarnando, não me cabe qualquer pretensão de subir à convivência dos nossos Patrocinadores do Mais Alto e, mais embaixo, antigas afeições que talvez ainda persistam em desequilíbrio, não mais me aceitarão para desfrutar-lhes a companhia. A reencarnação será o meu caminho imediato. Desse modo, considero importante fazer o possível por aproveitar o meu veículo atual, enquanto ele me possa servir no trabalho de sempre, a fim de retirar de meu atual emprego na vida física o máximo rendimento de concurso com os Amigos Espirituais que, ao término da tarefa, se compadecerão de mim, auxiliando-me na recolocação necessária em algum recanto terrestre”.

A mediunidade, portanto, é misericordiosa janela voltada para a vida. Uma luz balsamizante penetrando e desfazendo as sombras que anuviam o espírito humano, possibilitando nossa edificação interior através das dores do crescimento.

Se nos fosse possível observarmos de uma posição inversa à direção dessa luz inextinguível, veríamos extasiados a maravilhosa Misericórdia Divina vertendo ininterruptamente em prol dos necessitados, dos aflitos, dos desesperançados. Veríamos a humanidade inteira a caminho da luz.

Vislumbraríamos a Luz Divina do Supremo Autor de todas as coisas, que é Deus.